

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, PRINCÍPIO ALFABÉTICO E GÊNEROS TEXTUAIS VARIADOS: FERRAMENTAS PARA O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

Ana Paula Rigatti Scherer¹

Introdução

Consciência fonológica e aquisição da escrita tem sido objeto de estudo de pesquisadores nos últimos anos. Pesquisas comprovam que a relação entre elas é recíproca: enquanto a consciência fonológica auxilia na aquisição da escrita, a aquisição da escrita desenvolve ainda mais os níveis de consciência fonológica (Content, 1984; Morais, Bertelson, Cary & Alegria, 1986; Morais, Alegria & Content, 1987; Carraher, 1986; Menezes, 1999; Costa, 2002; Freitas, 2004; Rigatti-Scherer, 2008). Com esta constatação, é possível inferir que realizar, nos primeiros anos escolares, atividades que desenvolvam a consciência fonológica pode facilitar o aprendizado da escrita, e que explicitar as regras do princípio alfabético neste período podem, além de auxiliar na aquisição da escrita, desenvolver habilidades metafonológicas. Outra hipótese a ser verificada é de que o contato com gêneros textuais variados desde o início do processo de alfabetização possa aprimorar o letramento e aproximar o aluno da leitura.

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou a importância da consciência fonológica, explicitação do princípio alfabético e o uso da diversidade textual no ensino da leitura e da escrita.

1 Metodologia

A pesquisa foi do tipo longitudinal, a qual verificou o desempenho dos alunos na escrita e na consciência fonológica durante um ano letivo (março a novembro de 2006), em dez turmas de alfabetização da rede municipal de Guaíba-RS. Em cada turma participaram 5 alunos, totalizando 50 sujeitos. Esses sujeitos foram divididos em dois grupos:

Grupo Experimental: 25 alunos com hipótese de escrita pré-silábica pertencentes a 5 turmas de alfabetização nas quais as professoras utilizavam em sua metodologia de

¹ Secretaria Municipal de Educação de Guaíba (SMED – Guaíba/RS)

ensino atividades de consciência fonológica, explicitação do princípio alfabético e uso de diversos tipos de textos;

Grupo Controle: 25 alunos com hipótese pré-silábica de escrita pertencentes a 5 turmas de alfabetização nas quais as professoras não utilizavam tais abordagens em sua metodologia.

Foram escolhidos alunos que não tivessem comprometimentos neurológicos, cognitivos ou de ordem auditiva e fonológica.

As professoras do Grupo experimental receberam treinamento da pesquisadora no ano anterior à pesquisa. Este treinamento consistiu de 16 horas de estudo sobre temas de lingüística importantes para a alfabetização, como: aquisição da linguagem, fonética, fonologia, consciência fonológica, princípio alfabético do português brasileiro e métodos de alfabetização.

As professoras do Grupo controle não participaram desse treinamento, somente foram convidadas a participar durante o ano da pesquisa, permitindo que fossem aplicadas testagens em seus alunos e que a pesquisadora pudesse observar suas aulas mensalmente.

Para a testagem dos alunos foram aplicados dois instrumentos: CONFIAS-Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial (Moojen e cols, 2003), para avaliar a consciência fonológica; e uma coleta de escrita por meio do ditado das quatro palavras e uma frase, para verificar a hipótese de escrita das crianças.

As duas aplicações ocorreram em três momentos do ano letivo: março, julho e novembro, sendo que em cada uma delas a pesquisadora comparecia à escola e realizava as testagens.

Durante o ano da realização da pesquisa, a pesquisadora visitava as turmas para verificar como ocorria o trabalho das professoras e realizava encontros mensais com as professoras do Grupo Experimental para sanar dúvidas e discutir aspectos teóricos relevantes.

Ao final da pesquisa obtiveram-se três amostras de resultados do CONFIAS e três amostras de escrita dos sujeitos. Os dados foram analisados estatisticamente e são apresentados a seguir.

2 Resultados e discussão

2.1 Resultados da evolução da escrita do Grupo Experimental (GE)

O Grupo Experimental, composto de 22 sujeitos, foi submetido a coletas de amostra da hipótese de escrita nos meses de março, julho e novembro. Conforme o Gráfico 1, visto a seguir, no mês de março todos os sujeitos estavam no nível pré-silábico da escrita, totalizando 100%.

No mês de julho, 13 sujeitos estavam no nível alfabético, representando mais da metade do GE, 59,10%; 7 sujeitos estavam no nível silábico-alfabético, representando 31,80% do GE e 2 sujeitos estavam no nível silábico, representando 9,10% do Grupo Experimental.

Nota-se que houve uma evolução significativa já no mês de julho, pois mais da metade dos sujeitos (13) estavam na hipótese alfabética de escrita, hipótese essa que indica compreensão de que cada grafema corresponde a unidades sonoras menores que a sílaba (Ferreiro e Teberosky, 1985). Os outros 7 sujeitos, que estavam no nível silábico-alfabético, mostravam boa evolução, pois percebiam que, para cada sílaba emitida na fala, existia uma letra para representá-la. Ex.: para 'gato', escreviam GO. Porém, já utilizam em alguns momentos um grafema para unidades menores que a sílaba, portanto, já se aproximando do nível alfabético de escrita. Ex.: para 'pato', escreviam PAO. Os outros 2 sujeitos, que ainda estavam no nível silábico, não avançaram tanto quanto os demais, mas mostraram, em seu tempo, uma evolução razoável, já que perceberam a relação existente entre a fala e a escrita, utilizando uma letra para cada sílaba emitida.

No mês de novembro, os 22 sujeitos, representando 100% do GE, estavam no nível alfabético de escrita. Ao final do ano letivo, todos os alunos do GE chegaram ao que se espera de uma turma de alfabetização: compreenderam a representação grafema-fonema na escrita e na leitura, restando-lhes, ainda, aprimorar as demais regras do princípio alfabético (Scliar-Cabral, 2003).

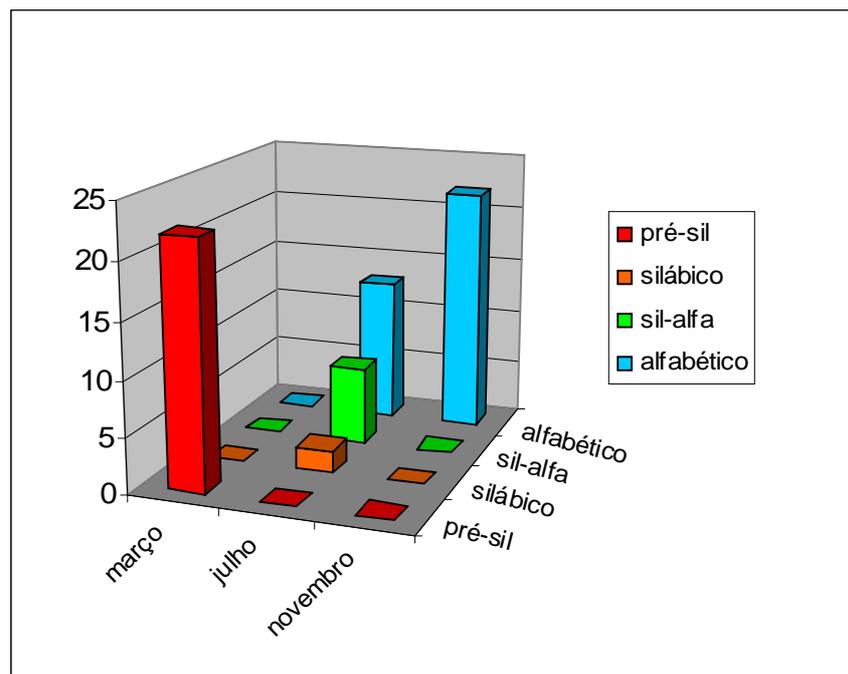


Gráfico 1 - Evolução da escrita do Grupo Experimental nos três meses de coleta

Como observado no gráfico anterior, os sujeitos do GE mostraram evolução na escrita durante os meses da pesquisa, principalmente de março a julho. A abordagem metodológica das professoras foi decisiva para esse resultado, pois as do Grupo Experimental, desde o início do ano letivo, apresentaram o alfabeto não só como um conjunto de letras que formam palavras, mas um conjunto de letras que representam um sistema organizado de escrita e que está relacionado com a linguagem oral. Além disso, os alunos dessas turmas iniciaram o ano realizando atividades de consciência fonológica por meio de brincadeiras com sílabas, rimas e sons diversos.

Esses resultados encontrados no Grupo Experimental, desde a coleta do mês de julho até a do mês de novembro, permitem que a pesquisadora chame a atenção do leitor para a confirmação das hipóteses levantadas no início da pesquisa: a explicitação do princípio alfabético e as atividades em consciência fonológica fazem a diferença na metodologia do professor alfabetizador. Vê-se isso no crescimento das colunas no Gráfico 1.

2.2 Resultados da evolução da escrita do Grupo Controle (GC)

O Grupo Controle é composto de 19 sujeitos que também foram submetidos à mesma coleta de amostra de escrita do Grupo Experimental, ocorrendo nos meses de

março, julho e novembro.

No Gráfico 2, apresentado a seguir, observa-se que, como no GE, no mês de março todos os sujeitos estavam no nível de escrita pré-silábico, totalizando 100% da amostra do GC. Assim como descrito no item anterior relacionado ao Grupo Experimental, no mês de março, quando iniciou a pesquisa, os sujeitos deveriam estar com hipótese de escrita pré-silábica havendo, assim, emparelhamento dos sujeitos para, nos meses seguintes, verificar a evolução dos grupos.

No mês de julho somente 2 sujeitos do grupo estavam no nível alfabético, representando 10,50% do GC. Esses sujeitos foram os únicos do GC a chegar, já no mês de julho, no nível alfabético, compreendendo a relação grafema-fonema. Doze sujeitos estavam no nível silábico-alfabético, representando 63,20 % do GC. Esses 12 sujeitos representavam mais da metade do GC, obtendo avanço significativo na hipótese de escrita. Para eles, a representação da escrita ora era silábica, ora já havia grafemas representando unidades menores (Ferreiro e Teberosky, 1985). Outros 3 sujeitos estavam no nível silábico, representando 15,80 % do GC. Para esses sujeitos a hipótese ainda era anterior, pois cada letra representava uma sílaba emitida. Os outros 2 sujeitos restantes do grupo permaneciam no nível pré-silábico de escrita, representando outros 10,50 % do GC. Esses últimos não haviam avançado em sua hipótese de escrita, não realizando representação de unidades de fala (sílabas ou fonemas) com as letras.

No mês de novembro, 14 sujeitos estavam no nível alfabético, representando 73,70% do GC; 3 sujeitos estavam no nível silábico-alfabético, representando 15,80% do GC; 1 sujeito estava silábico, representando 5,30% do GC; e 1 sujeito permanecia no nível de escrita pré-silábico, representando outros 5,30% do GC. No final do ano letivo, no mês de novembro, notam-se avanços significativos no Grupo Controle, pois o número de sujeitos com hipótese alfabética aumentou de 2 para 14; o número de silábico-alfabéticos aumentou de 2 para 3; o número de silábicos diminuiu de 3 para 1 e de pré-silábicos de 2 para 1.

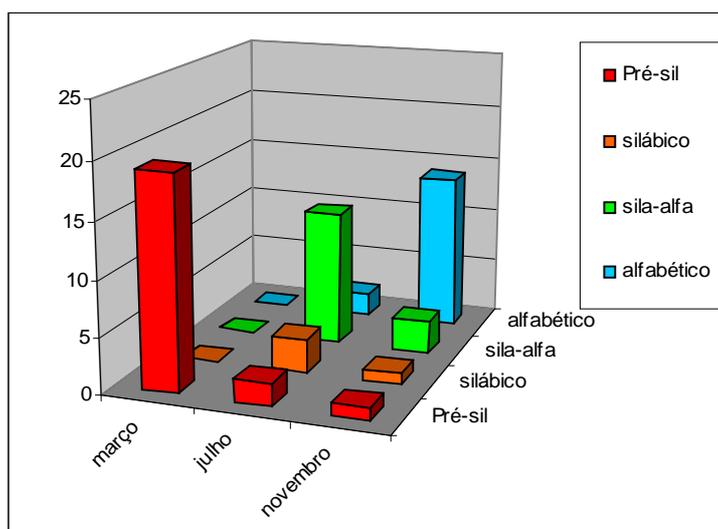


Gráfico 2 - Evolução da escrita do Grupo Controle nos três meses de coleta

2.3 Comparação entre os Grupos Experimental e Controle

Após analisar os resultados correspondentes à evolução da escrita de cada um dos grupos em separado, torna-se interessante compará-los. Para essa comparação serão utilizados os Gráficos 1 e 2, nos quais os resultados podem ser mais bem visualizados.

No mês de março, entre ambos os grupos não há diferença, pois a hipótese de escrita foi controlada e as colunas apresentam-se da mesma altura representando o número total de sujeitos de cada grupo. As diferenças começam a aparecer a partir da coleta do mês de julho, já que as intervenções das professoras nos grupos GE e GC foram diferentes no período de março a julho. No mês de julho o Grupo Experimental continha 13 sujeitos na hipótese de escrita alfabética, 7 na hipótese silábico-alfabética e 2 sujeitos na hipótese silábica. A representação em colunas está em linha ascendente, diferentemente das colunas apresentadas pelo Grupo Controle, no mesmo período, que ascendem e descendem em seguida. No mês de julho o Grupo Controle continha somente 2 sujeitos na hipótese alfabética, 12 sujeitos na hipótese silábica-alfabética, 3 sujeitos na hipótese silábica e 2 ainda na hipótese pré-silábica. A representação de suas colunas não está em linha ascendente, pois a maior concentração de sujeitos encontra-se no nível silábico-alfabético, onde a coluna é maior, e diminui na hipótese alfabética, onde só há 2 sujeitos.

Dessa forma, se olharmos para os dois grupos juntos em cada mês (julho e novembro) num mesmo gráfico, vê-se que no mês de novembro o Grupo Controle ainda apresenta sujeitos em todas as hipóteses de escrita, enquanto que no Grupo

Experimental, no mês de novembro, somente uma coluna se destaca: a dos 22 sujeitos alfabéticos (Gráfico 3).

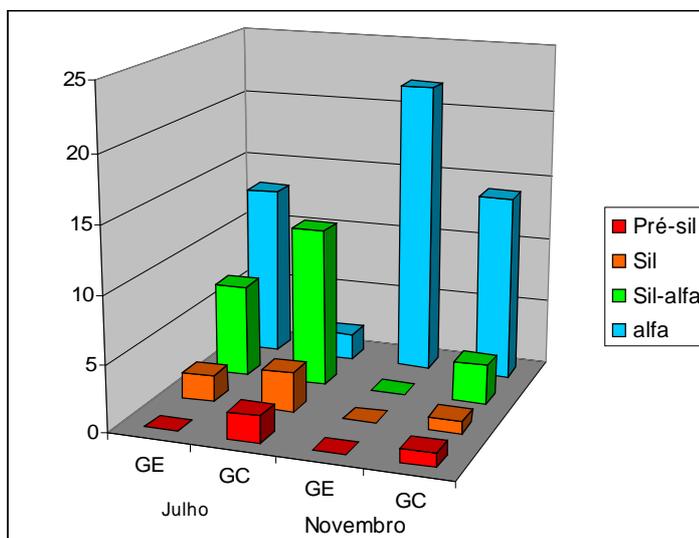


Gráfico 3 - Comparação dos grupos Experimental e Controle nos meses de julho e novembro, respectivamente

É impressionante a diferença existente entre os grupos, principalmente se olharmos para as colunas do GE no mês de julho e para as colunas do GC no mês de novembro: parece haver um pouco de semelhança, pois o nível de escrita dos sujeitos do GE no mês de julho aproxima-se do nível alcançado pelos sujeitos do GC somente no mês de novembro.

Dessa forma, o período de maior avanço na escrita ocorreu de maneira diferente entre os grupos. Enquanto que no Grupo Experimental o maior avanço ocorreu de março a julho, no Grupo Controle ocorreu de julho a novembro. Os sujeitos do Grupo Experimental avançaram na hipótese de escrita muito antes dos sujeitos do Grupo Controle, indicando que a abordagem metodológica, provavelmente, tenha ocasionado essa diferença entre os grupos. Desse modo, há evidências de que a abordagem metodológica utilizada pelos professores do Grupo Experimental tenha favorecido o avanço na hipótese de escrita dos sujeitos desse grupo nos primeiros meses do ano letivo.

Os alunos que receberam explicitação do princípio alfabético e realizaram atividades de consciência fonológica (GE), desde o início do ano letivo, demonstraram mais rapidamente o domínio da relação grafema-fonema. Isso explica o desempenho na escrita obtido já no mês de julho. Os alunos que não receberam explicitação do

princípio alfabético, utilizando o alfabeto somente com o nome das letras, e não realizando atividades de consciência fonológica (GC), demoraram mais para compreender a relação existente entre o grafema e o fonema, atingindo o nível alfabético no final do ano letivo.

Abaixo, seguem amostras da escrita de dois sujeitos, um do GE e outro do GC.

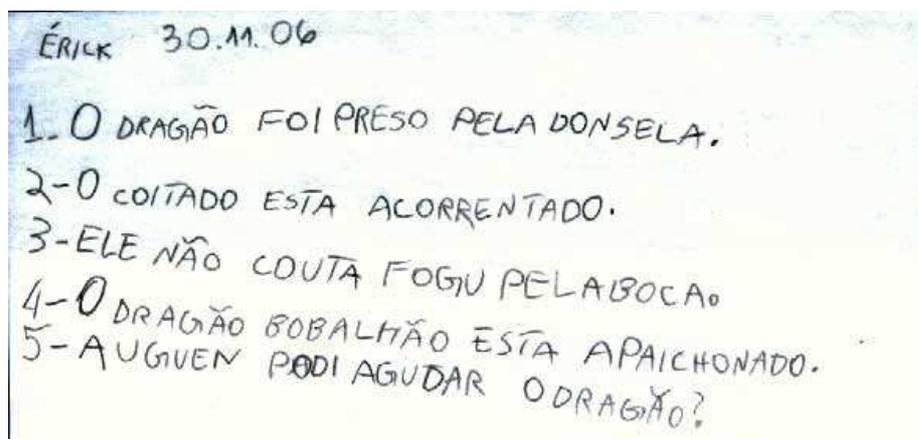


Figura 1 - Amostra de escrita de um dos sujeitos do Grupo Experimental na coleta do mês de novembro
Fonte: Escrita de aluno (Grupo Experimental)

Na amostra de escrita da Figura 1 observam-se características da escrita alfabética, na qual há presença da relação grafema-fonema, dependência da oralidade e poucas noções ortográficas, como nas palavras. Quase não aparecem erros de ordem fonológica.

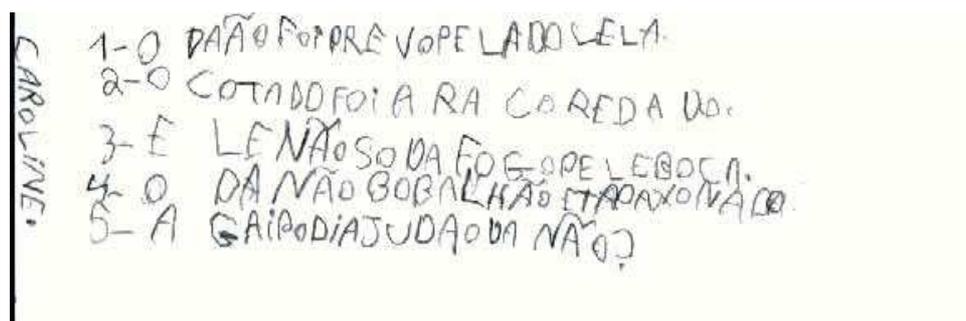


Figura 2 - Amostra de escrita de um dos sujeitos do Grupo Controle na coleta do mês de novembro
Fonte: Escrita de aluno (Grupo Controle)

Na amostra de escrita do Grupo Controle não há como não classificá-la de alfabética, pois há tentativa freqüente de respeitar a relação letra-som. Percebe-se que o sujeito já abandonou o conflito silábico-alfabético. No entanto, esta escrita distancia-se muito da amostra de escrita do Grupo Experimental, pois há omissões de sílaba e erros

de ordem fonológica

Apesar de ambos os sujeitos estarem alfabéticos, a qualidade da escrita do sujeito do GE é superior a do sujeito do GC, revelando que a abordagem da consciência fonológica e da explicitação do princípio alfabético possibilita que a escrita seja adquirida com poucas trocas respeitando a relação grafema-fonema.

2.4 Resultados da avaliação da consciência fonológica do Grupo Experimental (GE)

Os 22 sujeitos do Grupo Experimental (GE) foram submetidos ao instrumento de avaliação da consciência fonológica (CONFIAS) nos meses de março, julho e novembro, obtendo as médias de pontuação que podem ser vistas na Tabela 1.

Tabela 1 - Média de acertos do Grupo Experimental nas tarefas do Instrumento de Avaliação Seqüencial – CONFIAS, nos três meses de aplicação

Aplicação	Março		Julho		Novembro	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Níveis						
Sílaba (máx: 40)	24,18	4,54	30,72	5,50	35,04	3,24
Fonema (máx: 30)	6,50	3,37	15,27	5,25	19,63	5,11
Total (máx: 70)	30,68	6,93	46,00	9,91	54,68	7,66

No mês de março, o GE obteve a média de 24,18 pontos no nível silábico e 6,50 no nível fonêmico, totalizando a média de 30,68. Em julho, obteve média de 30,72 no nível silábico e 15,27 no nível fonêmico, totalizando 46 pontos. No mês de novembro, obteve média de 35,04 no nível silábico e 19,63 no nível fonêmico, totalizando 54,68 pontos de média.

Vê-se que a cada mês de aplicação do instrumento de avaliação da consciência fonológica há um aumento na média de pontuação, tanto no nível silábico quanto no nível fonêmico. Essa diferença de pontuação de um mês a outro pode ser considerada significativa ou não, conforme o aumento de pontos obtido a cada aplicação.

2.5 Resultados da avaliação da consciência fonológica do Grupo Controle (GC)

Os 19 sujeitos do Grupo Controle (GC) também foram submetidos ao Instrumento CONFIAS nos meses de março, julho e novembro, nos níveis silábico e fonêmico, obtendo as médias de pontuação que podem ser vistas na Tabela 2.

Tabela 2 - Média de acertos do Grupo Controle nas tarefas do instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS, nos 3 meses de aplicação

<i>Aplicação</i>	<i>Março</i>		<i>Julho</i>		<i>Novembro</i>	
<i>Níveis</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>
Sílaba (máx: 40)	21,05	3,73	24,68	4,20	28,05	5,01
Fonema (máx: 30)	5,52	2,26	9,73	2,95	12,10	2,37
Total (máx: 70)	26,57	4,20	34,42	5,94	40,15	6,51

No mês de março, o GC obteve a média de 21,05 pontos no nível silábico e 5,52 no nível fonêmico, totalizando a média de 26,57 pontos. Em julho, obteve média de 24,68 no nível silábico e 9,73 no nível fonêmico, totalizando 34,42 pontos. No mês de novembro, obteve média de 28,05 no nível silábico e 12,10 no nível fonêmico, totalizando 40,15 pontos de média.

Mesmo não sendo semelhante ao Grupo Experimental, observa-se que no Grupo Controle houve um aumento na média de pontuação da consciência fonológica a cada aplicação do instrumento de avaliação. Essa diferença de pontuação de um mês a outro pode ser considerada significativa ou não, conforme o aumento de pontos obtido em cada aplicação.

Observando as Tabelas 1 e 2 verifica-se que, apesar de ambos grupos mostrarem crescimento nos níveis silábico e fonêmico, o Grupo Experimental apresentou pontuações sempre mais elevadas no CONFIAS, sendo verificado isso quando comparamos o total de pontos no mês de julho do GE (46,00) e no mês de novembro do GC (40,00). Os sujeitos do GE já apresentavam um nível de consciência fonológica muito superior no mês de julho, enquanto que 40 pontos o GC só obteve no mês de novembro.

Levando em conta a relação existente entre consciência fonológica e escrita, esses resultados levam a conclusão de que o GE com sua pontuação superior em consciência fonológica obteve maior desempenho na aquisição da escrita.

Conclusão

Percebeu-se ao final do trabalho que a abordagem metodológica utilizada pelas professoras do Grupo Experimental foi decisiva para o processo de alfabetização dos alunos. Verifica-se, com isso, a necessidade de incluir na metodologia do professor alfabetizador atividades de consciência fonológica que façam os alunos refletir sobre os

segmentos envolvidos na fala como, também, a necessidade do ensino explícito dos princípios do sistema alfabético da escrita. Isso tudo, é claro, num contexto rico em letramento, onde os alunos possam ter contato desde o início do ano letivo com gêneros textuais diversos, fazendo com que o ensino da leitura e da escrita não fique preso ao contexto de sala de aula, mas esteja presente durante toda a vida da criança.

Referências

- CARRAHER, T.N. Explorações sobre o desenvolvimento da ortografia em português. *Isto se aprende com o ciclo básico*. Projeto Ipê. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação – CENP, 1986, p. 109-117.
- CONTENT, A. L' analyse phonétique explicite de la parole et l' acquisition de la lecture. *L' année Psychologique*, v. 84, 1984.
- COSTA, A.C. *Consciência fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.
- FERREIRO, A.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FREITAS, G. *Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo longitudinal*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- MENEZES, Gabriela. *A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999a.
- MOOJEN, Sônia e cols. *CONFIAS – Consciência fonológica: instrumento de avaliação seqüencial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MORAIS, J. ; BERTELSON, CARY, L; P; ALEGRIA, J. Literacy Training and Speech Segmentation. *Cognition*, v. 24, p. 45-64, 1986.
- SCLIAR-CABRAL, L. *Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.
- RIGATTI-SCHERER, A. P. *Consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético: importância para o ensino da língua escrita*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2008.